

---

## **PAINEL 5 - A música como tecnologia de produção social na cultura quotidiana da virtualidade rea**

Paula Gomes Ribeiro

(coord.) CESEM

‘Let the *soundscape* control your body’: o ambiente sonoro na construção da realidade  
Da produção e dos papéis sociais de avatares e outras ciber-presenças em contextos musicais  
“Corporate, Industrial, Optimistic”: a categoria ‘empresarial’ nos sites de *stock music*  
“So medieval like, so gentle, so perfect”: as categorias musicais da banda-sonora dos jogos *Oblivion*  
e *Skyrim*

Em *Convergence Culture* (2006), referência que se tornou central nos estudos de comunicação e sociedade atuais, Jenkins argumenta que o cenário cultural presente se caracteriza pela reapropriação de conteúdos, hibridização e produção mediática cooperativa. O autor parte do conceito de convergência como instrumento interdisciplinar e polisemântico para analisar os paradigmas digitais de construção e circulação de conhecimento, explorando-o em três dimensões complementares: o fluxo de conteúdos que se manifestam em múltiplas plataformas, a atitude cooperativa dos utilizadores e mercados dos media, a formação e migrações das audiências em procura e construção dos objetos desejados.

Neste painel propomo-nos discutir aspectos específicos do papel da música (como prática social) no processo de instalação e funcionamento do paradigma comunicacional que está na base do desenvolvimento do que Castells designa por sociedade em rede. Com a instalação da economia da Internet doméstica e da convergência de instrumentos, equipamentos e produtos digitais, os hábitos e comportamentos de produção, circulação e escuta musical têm vindo a reconfigurar-se, de modo persistente e radical. Num sistema sócio-comunicacional assente em redes de intensa e profícua circulação mundial de fluxos digitais de conteúdos, símbolos, sons e imagens, a construção (que se verbaliza frequentemente pela ideia de ‘procura’) de ‘uma identidade’, colectiva e individual, tem vindo a tornar-se uma demanda básica de significado social. “As pessoas organizam o seu significado não em torno do que fazem mas com base no que são ou acreditam ser” afirma Castells (1996 [2011]). Procuramos abordar aspectos da música como processo comunicacional, elemento essencial na construção de subjetividades, sociabilidades e organização social (DeNora, Hennion, Becker), em cenários do quotidiano da virtualidade real. A produção de conhecimento teórico não tem feito muito mais do que apontar e descrever os novos produtos musicais e identificar genericamente o modo como estes implicam alterações de padrões de consumo, comportamentais e de estilo de vida. Argumentamos que é necessário observar criticamente os formatos culturais emergentes para que, através do conhecimento produzido desse questionamento, possamos garantir um enquadramento mais crítico e socialmente investido no contexto das muito céleres transformações dos sistemas de produção, disseminação e consumo da realidade em geral, e da música em particular. As presentes exposições decorrem de momentos de questionamento no contexto de trabalhos mais amplos. Partimos da sociologia da música em particular, como campo interdisciplinar e multimétodos, e da musicologia em geral, intersectando várias áreas de conhecimento como, a teoria da comunicação, a sociologia, os estudos culturais ou a epistemologia das ciências.

Paula Gomes Ribeiro é Professora do Departamento de Ciências Musicais e investigadora integrada no CESEM - Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, FCSH-UNL. Obteve o Doutoramento em Musicologia (Esthétique, Sciences et Technologies des Arts) na Universidade de Paris VIII, em 2000, após ter concluído o grau de Mestre na mesma Universidade, visando os domínios da sociologia da música, da dramaturgia de ópera e do género. Diplomou-se em Ciências Musicais pela FCSH-UNL. É membro do CESEM desde 1998. Coordena o SociMus (Grupo de Estudos Avançados em Sociologia da Música) e o Grupo de Teoria Crítica e Comunicação do CESEM. Co-fundadora do CysMus (Estudos Avançados em Música e Cibercultura). Foi vice-presidente da direcção da APCM/SPIM. Entre as suas publicações pode nomear-se o livro *Le drame lyrique au début du XXe siècle – Hystérie et Mise-en-abîme* (Paris, Harmattan, 2002). Como encenadora assinou várias produções de ópera. A sua investigação desenvolve-se especialmente nos domínios da sociologia da música, comunicação e media, sociologia da cultura, dramaturgia e *performance* de espectáculos musico-teatrais e multimédia recentes.

---

## I. ‘Let the soundscape control your body’: o ambiente sonoro na construção da realidade

João Francisco Porfírio

CESEM

As *soundscapes domésticas*, consciente ou inconscientemente, são uma presença constante do nosso dia a dia. A música, como Tia DeNora propõe (2004), pode ser usada como um recurso de produção de sentido em determinadas situações quotidianas, como um aparelho que faz com que tenhamos consciência da situação que está em curso e é mobilizada para produzir cenas e rotinas que constituem a vida social e o quotidiano. Pondo a tocar uma *playlist* no youtube, ou fechando uma janela conseguimos mudar o ambiente sonoro, alterando assim a *soundscape doméstica* e criando cenários, modos de atuação e construindo múltiplas e diferentes realidades sendo possível deambular entre elas. Conseguir controlar as *soundscapes domésticas* é um ato de poder. Partindo de entrevistas narrativas individuais, onde o discurso dos protagonistas aborda questões ligadas à forma como se relacionam com as suas *soundscapes* pessoais e que servem de base à construção daquilo que Sarah Pink (2009) define como etnografia sensorial vou analisar a forma como estes indivíduos produzem e convivem com as suas *soundscapes domésticas*, de que maneira as controlam e que ferramentas usam para o fazer.

Tentar encontrar resposta para estas questões, mesmo que partindo de casos particulares, pode fornecer pistas de como as *soundscapes domésticas* podem ser um elemento chave na construção de memórias, emoções, rotinas, realidades e na definição de papéis naquilo a que Erving Goffman (1993) chamou a encenação do eu na vida de todos os dias.

João Francisco Porfírio é atualmente Mestrando em Artes Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desenvolvendo a sua investigação em assuntos relacionados com a música ambiente e as *soundscapes* do quotidiano doméstico. É colaborador do CESEM, integrado no Grupo de Teoria Crítica e Comunicação e no SociMus (Grupo de Estudos Avançados em Sociologia da Música). Frequentou o Conservatório Regional de Setúbal onde completou o 5º grau de clarinete. Em 2001 terminou a Licenciatura em Educação Musical na Escola Superior de Educação de Setúbal. Desde essa data tem desenvolvido a sua atividade profissional enquanto professor de Educação Musical do Ensino Básico.